



## LITERATURA COMPARADA HOJE: estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada?

Edgar Cézár Nolasco<sup>1</sup>

Tanto a literatura comparada quanto os estudos culturais — e mais especificamente a crítica cultural — não se definem mais como campos disciplinares definidos e estáveis. *Teorias sin disciplina* [...] poderia ser uma das saídas para a complexa discussão sobre o campo disciplinar contemporâneo.

Eneida Maria de Souza. *Tempo de pós-crítica*, p. 151.

Se a assertiva do mestre Antonio Candido procede, e quanto a isso parece haver um consenso crítico, então podemos dizer, por conseguinte, que a questão da dependência cultural foi e continua sendo, pelo menos em parte, uma pedra no meio do caminho da crítica brasileira.

Como a literatura comparada sempre esteve atrelada a uma inter-relação entre literaturas e culturas, interessa-nos indagar de que forma ela contribuiu para a resolução da problemática da dependência no Brasil e, ao mesmo tempo, sinalizar o papel e importância da disciplina no século XXI, no contexto da crítica brasileira.

Para tanto, talvez convenha-nos começar por lembrar de uma conceituação do que se entendeu por literatura comparada no século XX. Ficamos com a definição proposta por Pichois e Rousseau, no livro *A literatura comparada* (1967), que, de acordo com Leyla Perrone-Moisés, “funciona como uma síntese de muitas outras anteriores”:

---

<sup>1</sup> Edgar Cézár Nolasco é professor da UFMS.

A literatura comparada é a arte metódica, pela busca de ligações de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço, contanto que eles pertençam a várias línguas ou várias culturas participando de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los.<sup>2</sup>

Com base na passagem acima, mas pensando objetivamente na prática da literatura comparada no Brasil, podemos dizer que os estudos comparados contribuíram, a seu modo, para a questão da dependência cultural, uma vez que esta é “considerada como derivação do atraso e da falta de desenvolvimento econômico.”<sup>3</sup> Tornam-se ainda mais próximos os estudos comparados e os da dependência cultural quando se constata que ambos partem da discussão em torno da *influência*, palavra esta que está na origem da própria literatura comparada. Antonio Candido, no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, onde discute com propriedade sobre a problemática da dependência cultural no Brasil e na América Latina, já advertia: “um problema que vem rondando este ensaio e lucra em ser discutido à luz da dependência causada pelo atraso cultural é o das influências de vários tipos, boas e más, inevitáveis e desnecessárias”.<sup>4</sup>

Convém abriremos um parêntese aqui para reiterar que questões como *dependência cultural* e *influência*(origem), por exemplo, podem estar mesmo completamente resolvidas tanto no plano da cultura quanto no plano artístico, quando se pensa no contexto cultural brasileiro. Aliás, e é bom que se diga, a crítica subsequente às décadas de 50 e 60 não fez outra coisa senão gastar tinta e papel na resolução e compreensão dessas questões culturais, entre outras. A forma meio cronológica como os críticos e seus respectivos ensaios forem aparecendo neste texto testemunha a preocupação crescente em torno do assunto, destacando-se, por conseguinte, o tópico da “dependência cultural”. Se hoje, início do século XXI, voltamos nessa página da crítica que, não só aparentemente, está bem resolvida, é porque entendemos que muitas das convicções, suspeitas e afirmações críticas feitas ali, a exemplo do que diz Antonio Candido em *A formação da literatura brasileira*, servem-nos para formular outras perguntas a respeito do

---

<sup>2</sup> Apud PERRONE-MOISÉS. *Flores da escrivantina*, p. 92.

<sup>3</sup> CANDIDO. *A educação pela noite e outros ensaios*, p. 156.

<sup>4</sup> CANDIDO. *A educação pela noite e outros ensaios*, p. 151.

papel e lugar da literatura brasileira/comparada no mundo contemporâneo. Nesse sentido, tinha razão o crítico que dissera que a crítica cresce por digressão. Nosso desvio se resume em pontuar (conforme este breve ensaio permite) o que a crítica já disse sobre o assunto aqui em pauta (que se resume na assertiva de Candido de que “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada”, considerando que lemos aí imbricado a questão da dependência cultural brasileira) para, como já sinalizamos, não só sabermos o lugar da literatura brasileira/comparada, mas qual a melhor forma de articulá-la criticamente dentro do contexto cultural ( e político) vigente.

Justifica-se a relação comparativista entre a literatura brasileira/comparada e a dependência cultural o que Candido dizia já no prefácio de *Formação da Literatura Brasileira*, “a nossa literatura é galho secundário da portuguesa”,<sup>5</sup> e em “Literatura e subdesenvolvimento”, “as nossas literaturas latino-americanas [...] são basicamente galhos das metropolitanas”,<sup>6</sup> para voltarmos a uma síntese conclusiva também encontrada no Prefácio: “comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime”.<sup>7</sup> É escusado dizer que tudo isso já foi revisado criticamente e até mesmo virado do avesso, como fizeram, por exemplo, os ensaios críticos de Silviano Santiago e Roberto Schwarz, aos quais chegaremos depois. Coube aos ensaios subseqüentes aos desses dois críticos o papel não só de estender o que ambos propuseram, mesmo que por diferentes vertentes, como também, e principalmente, avançar aquela leitura inicial (a de Candido, entre outras) no tocante ao seu caráter dialético, binário *par excellence*. Nesse particular, registre-se que os ensaios de Santiago e de Schwarz encontram-se a meio caminho do fogo cruzado do dualismo, podendo ser justificado pelo contexto crítico-cultural e o fato de os ensaios serem datados historicamente. Logo, e considerando que aquela visada dualista já foi resolvida pela crítica mais contemporânea (Souza, Gomes, Cunha, entre outros), aliás, é aí que se centra o forte da crítica de depois de 90 no Brasil, destacamos e voltamos às proposições de Candido por entendermos que sobressaem dali perguntas que podem mediar os debates atuais envoltos à literatura comparada hoje.

---

<sup>5</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 9.

<sup>6</sup> CANDIDO. *A educação pela noite e outros ensaios*, p. 151.

<sup>7</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 10.

Se a literatura comparada, como queriam Pichois e Rosseau, “é a arte metódica, pela busca de laços de analogia, de parentesco e de influência”, ao pensarmos hoje o mundo arbóreo de Candido, podemos nos perguntar: até que ponto os estudos comparados brasileiro e latino-americano contribuíram para desfazer aquele ranço histórico-crítico subalterno que dormitava na melhor crítica da época? Se *comparada* às grandes literaturas, a nossa literatura era *pobre e fraca*, como afirmava o crítico brasileiro, e se mesmo assim era ela que nos *exprimia* como nação, então também podemos nos perguntar agora como a literatura comparada ajudou-nos a compreender o atraso cultural implícito na fala de Candido e a resolver o descompasso subalterno de uma visada comparatista presa aos parentescos e às influências? Ressalvadas todas as diferenças que possam haver, hoje podemos dizer que não acreditamos mais sequer na possibilidade de a literatura brasileira nos *exprimir*, isto é, representar sua nação, posto que, de lá para cá, as diferenças sociais e culturais grassaram em proporções inimagináveis por todos os cantos do país. Aliás, fica explícito na *Formação* um conceito de literatura que não corresponderia mais às diferenças em todos os sentidos que pululam dentro da sociedade injusta e sumariamente excludente que impera no país. Nesse sentido, às vezes temos a impressão de que a disciplina literatura comparada corroborou o problema na medida que não deixou de primar por conceitos estéticos elitistas e hegemônicos, como o próprio conceito de texto. Queremos entender que não se passou um cinquentenário em vão, desde as afirmativas do mestre Candido; e a crítica subsequente tratou de avançar com relação às suas lições, como já dissemos. Mas o que não se pode mais hoje é repetir à exaustão toda a crítica anterior como se ela servisse em sua integralidade para pensar o tempo presente. Voltar a ela, rediscutir sua lição primeira, pode ser uma forma de manter aquela crítica em ação. Repetir por repetir, puro e simplesmente, pode contribuir para o seu letal esquecimento. O mesmo, entendemos, vale para comparar hoje: comparar por comparar pode não passar de uma ação inócua e estéril. Agora quando se compara em todos os sentidos possíveis, respeitando as diferenças e os contextos, inclusive no modo de tomar os textos críticos do passado, comparar é uma ação política do crítico.

O conceito de literatura comparada aqui destacado encontra respaldo nas afirmações de Antonio Candido. Quando o crítico brasileiro frisa que “nossa literatura é ramo da portuguesa”, não deixa de prendê-la a uma mesma tradição literária. Instaure-se aí a idéia de parentesco, influência, semelhança e filiação, conforme se lê no conceito destacado. Nesse sentido, concordamos com Tania

Franco Carvalhal que discorda da definição de Pichois e Rousseau que não leva em conta as diferenças. Diz Carvalhal: “ao aproximar elementos parecidos ou idênticos e só lidando com eles, o comparativista perde de vista a determinação da peculiaridade de cada autor ou texto e os procedimentos criativos que caracterizam a interação entre eles”.<sup>8</sup> Lembramos que, em “Uma literatura empenhada”, Candido reiterava que o problema da autonomia, da definição do momento e motivos que distinguiram a literatura brasileira da portuguesa era algo superado.<sup>9</sup> Exatamente aí nesse ponto, ele volta a repetir que “nossa literatura é ramo da portuguesa”, fala em não *negar a dívida aos pais* e chega a pensar na expressão “literatura comum” para pensar as duas literaturas. Bem, daí sobressai uma primeira questão: se estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada, logo estudar literatura brasileira equivale a não negar a dívida? Numa perspectiva comparatista, não negar a dívida corresponde a detectar as semelhanças ou as diferenças entre as literaturas? Todavia cabe-nos uma outra pergunta: o mundo da floresta tropical dos galhos, ramos e jardim das Musas não emaranha a relação das comparações, pondo sempre numa segunda ordem aquela literatura que veio depois? É curioso observar que quando Candido diz que sua atenção se volta “para o início de uma literatura propriamente dita”, diz também que elas (a portuguesa e a brasileira) *se unem tão intimamente*, a ponto de ele usar a expressão “literatura comum”. Ressalvadas as diferenças, podemos dizer que o termo “literatura comum” pode ser comparado ao termo “literatura geral” de Goethe, já que este termo, segundo Wellek e Warren, indica “um tempo em que todas as literaturas se tornariam uma. É o ideal da unificação de todas as literaturas em uma grande síntese, em que cada nação desempenharia a sua parte em um concerto universal”.<sup>10</sup> Também não deixa de lembrar a idéia de “literatura geral” de Paul Van Tieghen, para quem “literatura geral” era diferente de “literatura comparada”, ficando esta ao estudo das inter-relações entre duas ou mais literaturas.<sup>11</sup> O termo de Candido fica muito próximo também do que postularam Wellek e Warren, que não viam uma distinção válida quando o

---

<sup>8</sup> CARVALHAL. *Literatura comparada*, p. 31.

<sup>9</sup> Cf CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

<sup>10</sup> WELLEK & WARREN. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*, p. 50.

<sup>11</sup> Cf WELLEK & WARREN. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*, p. 51.

assunto era influência literária. Cuidadoso quanto ao problema das influências e a crítica, Candido advertia que “nunca se sabe se as influências apontadas são significativas ou principais, pois há sempre as que não se manifestam visivelmente, sem contar as possíveis fontes ignoradas (autores desconhecidos, sugestões fugazes), que por vezes sobrelevam as mais evidentes”.<sup>12</sup> E concluía: “todos sabem que cada geração descobre e inventa o seu Gôngora, o seu Stendhal, o seu Dostoievski”.<sup>13</sup> Wellek e Warren, no balanço que fazem entre literatura geral e literatura comparada, optam apenas por “literatura”, já que *é evidente a falsidade da idéia de uma literatura nacional fechada em si mesma*. Aqui, de nosso ponto de vista, reside toda a lição do comparatista Antonio Candido. Ressalvadas as diferenças, vemos uma aproximação entre o termo “literatura comum” de Candido e o termo “cultura comum” ou “cultura em comum”, de Raymond Williams, que faz toda a diferença no modo do crítico galês não só propor os Estudos Culturais, como também no modo de ler criticamente tais estudos na cultura. Nesse sentido, o que diz Maria Elisa Cevalco é esclarecedor:

uma cultura em comum seria aquela continuamente redefinida pela prática de todos os seus membros, e não uma na qual o que tem valor cultural é produzido por poucos e vivido passivamente pela maioria. Trata-se de uma visão de cultura inseparável de uma visão de mudança social radical e que exige uma ética de responsabilidade comum, participação democrática de todos em todos os níveis da vida social e acesso igualitário às formas e meios de criação cultural.<sup>14</sup>

Numa perspectiva comparativista, o que estamos apenas postulando aqui seria o fato de que, em sendo o livro *Formação da literatura brasileira* “um livro de crítica, mas escrito do ponto de vista histórico”,<sup>15</sup> esse livro de Candido poder ser lido, por conseguinte, como um livro sobre a cultura e a sociedade brasileiras, podendo, inclusive, ser pensada a rubrica *Formação da cultura brasileira*. Parafraseando o próprio Candido, no final do primeiro capítulo “Literatura como sistema”, diríamos que seu livro constitui uma *história dos brasileiros no seu*

---

<sup>12</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 36.

<sup>13</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 37.

<sup>14</sup> CEVASCO. *Dez lições sobre estudos culturais*, p. 139.

<sup>15</sup> CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 24.

*desejo de ter uma cultura*.<sup>16</sup> Se considerarmos, hoje, que em *Formação da literatura brasileira*, Candido faz uma revisitação crítica da própria crítica brasileira, e se considerarmos também que a literatura comparada não se prende mais à ideia de linhagem, influência e parentescos, então podemos dizer que os estudos comparados contribuíram significativamente para a realização do desejo do povo brasileiro quanto a ter uma literatura e uma cultura próprias. Nesse sentido, talvez a melhor contribuição crítica de Candido estivesse mesmo no método empregado por ele de rediscutir a própria crítica brasileira. Não temos dúvida de que essa lição foi aprendida e apreendida devidamente pela crítica brasileira subsequente.

Esse pelo menos foi o caso dos críticos Silviano Santiago e Roberto Schwarz, quando pensamos, sobretudo, nas décadas de 70 e 80 da crítica brasileira. Reiteramos que, como estamos pensando a questão da dependência cultural pelo viés da literatura comparada, ou seja, até que ponto essa disciplina de fato contribuiu para a resolução de tal problemática, vamos nos valer tão-somente dos ensaios, desses dois críticos, que mais desenvolveram aquela proposição de Candido e que, ao mesmo tempo, mais foram relidos e discutidos pela crítica subsequentes a eles. Trata-se dos ensaios “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1978) e “Apesar de dependente, universal” (1982), de Silviano Santiago; e “As idéias fora do lugar” (1977) e “Nacional por subtração” (1987), de Roberto Schwarz. Passados mais de trinta anos da publicação do primeiro ensaio de Santiago, podemos dizer hoje que ele naquele momento contribuía significativamente para subverter as antinomias da própria literatura comparada tradicional. E o faz ali quando se pergunta sobre o papel do intelectual latino-americano, mas sobretudo pela revisão crítica total dos conceitos de fontes e de influências que, não por acaso, estão na gênese da própria literatura comparada. Perguntava o crítico há trinta anos: “qual seria pois o papel do intelectual hoje em face das relações entre duas nações que participam de uma mesma cultura, a ocidental, mas na situação em que uma mantém o poder econômico sobre a outra?”<sup>17</sup> A lição crítica do próprio Silviano, legada a todos nesses últimos trinta

---

<sup>16</sup> Sobre a aproximação Candido e Willams, ver CEVASCO. *Dez lições sobre estudos culturais*, principalmente a décima lição: Estudos culturais no Brasil, p. 173-188.

<sup>17</sup> SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 17.

anos, elaborou parte da resposta cabível.<sup>18</sup> Podemos dizer que no tocante ao poder econômico o país não leva mais tanta desvantagem como dantes, podendo agora caminhar com as próprias pernas. Nesse sentido, foi preciso que surgisse uma crise mundial para que o Brasil mostrasse o Brasil aos brasileiros. Eram duas nações, no dizer de Santiago, e continuam duas nações, mas com culturas próprias e diferentes. Agora, e aí talvez esteja o maior legado do crítico, resta-nos ler a nossa cultura em toda sua heterogeneidade e especificidades locais, porque, mesmo que quiséssemos, não poderíamos mais ser bairristas e nem provincianos, a não ser que não tivéssemos aprendido como se deveria a lição. A outra pergunta que o crítico fazia era: “como o crítico deve apresentar hoje o complexo sistema de obras explicado até o presente por um método tradicional e reacionário cuja única originalidade é o estudo das fontes e das influências?”<sup>19</sup> Nem precisava ser comparativista para ver que aí o crítico chamava às falas a própria literatura comparada, ou melhor, seu método disciplinar reacionário, posto que totalizante, elitista e quase sempre excludente. Porque, nas práticas comparativistas, as literaturas subdesenvolvidas vinham sempre depois, a reboque, inclusive nos manuais de ensino. O problema é que isso era a norma, ou melhor, única condição. Ao decretar a falência do método crítico tradicional preso ao estudo das fontes e das influências naquela época, Santiago não deixa de dar prosseguimento ao método crítico já iniciado por Antonio Candido desde, pelo menos, *Formação da literatura brasileira*, como salientamos. Interessa-nos falar desse método porque vemos esboçar-se nele a própria prática da literatura comparada como disciplina, o que só vem comprovar que ela não passaria mesmo de um método de comparação. Assim, pensando nesse método que destruiria de vez as fontes e as

---

<sup>18</sup> Em nota recente (2002) à segunda edição do livro *Nas malhas da letra*, S. Santiago faz o seguinte comentário sobre *Uma literatura nos trópicos*: “*Uma literatura nos trópicos* viveu de certa euforia narcisista, decorrente da teoria da dependência econômica aplicada ao conhecimento e desenvolvimento das artes e das culturas nacionais do Terceiro Mundo. A euforia que sustenta os ensaios mais densos do livro, em particular “O entre-lugar do discurso latino-americano” e “Eça, autor de *Madame Bovary*”, foi perdendo o vigor nas duas últimas décadas e praticamente se apagou com o século. Hoje pareceria um livro datado, se o novo milênio não nos tivesse trazido questões que ali forma expostas e discutidas. No seu estertor, os novos tempos se alimentam de idéias que foram por ele corroídas.”(SANTIAGO. Nota à segunda edição. In: *Nas malhas da letra*, p. 9).

<sup>19</sup> SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 17.



influências, talvez restasse-nos perguntar como procedeu a literatura comparada quando teve que abrir mão daquilo que a sustentou por anos a fio? E mais: será que ela abriu mão em sua integralidade, quando se trata de países subdesenvolvidos como o nosso? Responder a perguntas dessa natureza equivale hoje a nos perguntar sobre o papel, lugar e até mesmo importância da disciplina de literatura comparada neste início de século. Quando atribuímos a responsabilidade da resposta da pergunta de Silviano à literatura comparada, é por não queremos ver em tal pergunta uma única saída possível para a problemática da dependência cultural. Entendemos que, naquele momento histórico, o crítico deveria ser enfático, até mesmo quando se perguntava, e que suas contribuições críticas trouxeram mudanças no modo de ler a questão da dependência cultural brasileira que até hoje não foram totalmente aferidas pela crítica subsequente, mas também pensamos que não devemos tomar partido, como tem feito, *grosso modo*, a crítica brasileira contemporânea, por entendermos que, agindo assim, simplificamos o próprio método crítico que o presente exige. Na verdade vemos esse tomar partido mais como uma questão subalterna interna malresolvida dela, talvez ainda por não ter conseguido se desvencilhar totalmente do ranço da discussão dualista fonte x influência, cópia x modelo, semelhança x diferença, interno x externo, particular x universal, marxista x não-marxista, sociológico x antropológico etc. Entre outras perguntas, o crítico Silviano Santiago faz mais estas duas em seqüência: “poder-se-ia surpreender a originalidade de uma obra de arte se se institui como única medida as dívidas contraídas pelo artista junto ao modelo que teve necessidade de importar da metrópole? Ou seria mais interessante assinalar os elementos da obra que marcam sua diferença?”<sup>20</sup> Numa perspectiva comparativista, é visível que o crítico aí declarava a falência do método crítico comparatista vigente à época, por estar preso ao modelo original, à objetividade, ao conhecimento enciclopédico e ainda a uma verdade científica. Avançando em uma possível resposta, diríamos que o entrelugar foi a saída encontrada pelo crítico para o impasse que residia na comparação entre modelo e cópia. Mas a questão para a qual queremos chamar a atenção é outra: ao mesmo tempo em que Santiago critica o “modelo” *como única medida para medir a originalidade de uma obra de arte*, propõe a “diferença” *como único valor crítico*.<sup>21</sup> Se, naquele momento, a assertiva do crítico era de que

---

<sup>20</sup> SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 17.

<sup>21</sup> Ver SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 19.

a diferença era o único valor crítico, de lá para cá a nova crítica se consolidou a tal ponto que já podemos dizer que tanto no Brasil quanto na América Latina a diferença seria um dos valores que ainda devem se fazer presente na crítica contemporânea(?), mas não é, de forma alguma, o valor que deva prevalecer no discurso crítico. E isso se deu graças a leituras como a do próprio Santiago, bem como aos trabalhos efetuados pela literatura comparada.

Silviano Santiago dizia, há mais de trinta anos, que *a literatura latino-americana propunha um texto e abria o campo teórico onde seria preciso se inspirar durante a elaboração do discurso crítico de que ela seria o objeto*. Hoje, já sabemos que o campo teórico latino-americano se consolidou sobre diferentes abordagens teóricas, visando não privilegiar nenhuma delas, e que o discurso crítico, por conseguinte, está mais do que elaborado, e o reconhecimento internacional da literatura latino-americana é a prova mais cabal de tal elaboração. O discurso crítico latino-americano deste século XXI rejeita qualquer discurso pseudocrítico, ou seja, aquele discurso erigido aqui e que não trate da literatura e da cultura latino-americanas em suas especificidades sociais, estéticas, políticas e culturais. Esse discurso, por sua vez, critica todo e qualquer discurso dualista, assim como qualquer discurso crítico que se queira hegemônico (único), propondo, por conseguinte, rediscutir o próprio conceito de literatura nos dias atuais (literatura comparada?) que se cristalizou na América Latina. Na esteira do que dizia Santiago no final de seu ensaio, concluímos que o ritual antropófago da literatura latino-americana (literatura comparada?), da cultura, já se consolidou aqui, restando agora ao crítico de hoje ver o que daquele ritual ainda nos serve para pensar melhor os conceitos latino-americanos.

Apesar de Silviano não ter mencionado uma vez sequer a palavra “dependência” no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, podemos dizer que em “Apesar de dependente, universal” o crítico dá continuidade a sua reflexão iniciada naquele ensaio.<sup>22</sup> Como se vê, diferentemente daquele, nesse ensaio desde o título o autor já sinaliza tratar-se da questão da dependência. Podemos dizer que se em “O entre-lugar do discurso latino-americano” o crítico afastava de vez as “fontes” e as “influências” para melhor ler o particular em sua *diferença*; agora em “Apesar de dependente, universal” ele universaliza o

---

<sup>22</sup> Lembramos que o subtítulo do livro *Uma literatura nos trópicos* é “Ensaio de dependência cultural”.

particular (a América Latina) de dentro para fora (do entrelugar). Se no primeiro ensaio “negava” mais o modelo, agora o reconhece sem medo de mencionar criticamente a dependência cultural que também constitui a cópia (América Latina), mesmo que seja a custo de ultrapassá-la. Para usar uma palavra empregada por Santiago em seu primeiro ensaio, e que depois se torna do campo dos estudos comparados, diríamos que a América latina *contaminou* o Universal do outro.

Como o que continua a nos interessar é a aproximação comparativista que os ensaios mantêm com a literatura comparada, nesse segundo ensaio de Silviano vamos nos ater tão-somente nas passagens que aludem diretamente à disciplina, apesar de entendermos que agora o crítico entra literalmente pela porta da frente da literatura comparada, uma vez que se vale dela para articular sua reflexão ao mesmo tempo em que questiona as categorias e discute o objeto da disciplina. Nas duas partes iniciais de seu ensaio “Apesar de dependente, universal”,<sup>23</sup> Santiago trata das descobertas marítimas, chega à descoberta do Novo Mundo, da América Latina, para mostrar-nos o drama do intelectual brasileiro e latino-americano no tocante à sua constituição (“nossa inteligência?”), já que “nenhum discurso disciplinar o poderá fazer sozinho”.<sup>24</sup> Discutindo a separação entre “discurso histórico” e “discurso antropológico”, explica-nos Santiago: “pela História universal, somos explicados e destruídos, porque vivemos uma ficção desde que fizeram da história européia a nossa estória. Pela Antropologia, somos constituídos e não somos explicados, já que o que é superstição para a História, constitui a realidade concreta do nosso passado”.<sup>25</sup> Enfim, o crítico já estava mostrando ali que “nossa constituição” só poderia dar-se por fora de qualquer

---

<sup>23</sup> Em nota recente (2002) à segunda edição do livro *Nas malhas da letra*, S. Santiago faz o seguinte comentário sobre *Vale quanto pesa*: “*Vale quanto pesa* tentou conviver criticamente não só com os descalabros e impasses criados pela repressão e a censura às artes, decorrente do regime implantado pela ditadura militar, como também com a emergência brutal dos problemas por que passou o artista no momento em que a economia brasileira tornava-se por opção dos dirigentes do país uma economia de mercado. O nome do sabonete da minha infância servia de metáfora para que se perguntasse qual era o peso e o valor da arte no momento em que a crítica perdia sentido e o consumidor se alçava à condição de árbitro todo-poderoso.” (SANTIAGO. Nota à segunda edição. In: SANTIAGO. *Nas malhas da letra*, p. 9).

<sup>24</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 17.

<sup>25</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 17-18 (grifos do autor).

visada dualista, isto é, disciplinar, e o faz pela alusão direta ao seu conceito de “entrelugar”: “é preciso buscar a ‘explicação’ de ‘nossa constituição’ (vale dizer da nossa inteligência) através de um entrelugar,(...)”.<sup>26</sup> Para sair dessa perspectiva disciplinar e chegar a uma perspectiva histórico-antropológica, ou seja, não-disciplinar, Santiago faz um desvio, cujo objetivo é central para a perspectiva comparativista que estamos buscando aqui: “está servindo ele [o desvio] para justificar o questionamento das categorias fortes que servem de alicerce para a literatura comparada”.<sup>27</sup> As categorias discutidas por Santiago aí são as fontes e as influências, por serem de “fundo lógico e complementar para a compreensão dos produtos dominante e dominado”, exercitando, assim, à exaustão uma prática disciplinar. Para a revisão de tais categorias, Silviano propõe uma força e um movimento *paradoxal*, “que por sua vez darão início a um processo tático e desconstrutor da literatura comparada, quando as obras em contraste escapam a um solo histórico e cultural homogêneo”.<sup>28</sup> Pondo tal prática paradoxal e suplementar da crítica em ação, Santiago dá ênfase à *diferença* que o texto dependente consegue inaugurar, mostrando, por conseguinte, que o *texto descolonizado da cultura dominada acaba por ser mais rico*, “por conter em si uma representação do texto dominante e uma resposta a esta representação no próprio nível da fabulação.” É interessante observar que aí o crítico estaria completamente fora de uma visada etnocêntrica, assim como já estaria se valendo do processo tático e desconstrutor empreendido à literatura comparada que não deixa de sustentar a leitura do crítico. Também justifica e explica o trocadilho do título do ensaio “dependente” e “universal”, posto que o dominado vela a presença (representação) do dominante.

Além das categorias, Silviano detém-se na caracterização do objeto da literatura comparada. Para ele, “o objeto tem de ser duplo, constituído que é por obras literárias geradas em contextos nacionais diferentes que são, no entanto, analisadas contrastivamente com o fim de ampliar tanto o horizonte limitado do conhecimento artístico, quanto a visão crítica das literaturas nacionais”.<sup>29</sup> Essa

---

<sup>26</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 18.

<sup>27</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 19.

<sup>28</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 22.

<sup>29</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 19.

abordagem do objeto por Silviano, perfeita por sinal naquele momento, servia muito bem para comparar a literatura, a cultura européia, entretanto não era tão simples quando se tinha em discussão a literatura latino-americana: “a situação da literatura latino-americana, ou da brasileira em particular, com relação à literatura européia ontem e à literatura americana do norte hoje, já não apresenta um terreno tão tranqüilo”,<sup>30</sup> concluía o crítico. Como se vê, a reflexão de Silviano encontra-se totalmente dentro dos postulados da literatura comparada naquele momento, o que foi sumamente enriquecedor para a própria crítica brasileira que passou a ficar mais atenta em suas comparações críticas entre literaturas periféricas e da metrópole.<sup>31</sup> Se tais comparações mereciam cuidado, por outro lado Silviano afirma “que a *perspectiva* correta para se estudar as literaturas nacionais latino-americanas é a da literatura comparada não há dúvida”.<sup>32</sup> Nesse momento de seu ensaio, Santiago menciona Antonio Candido, cuja passagem do crítico já foi por nós transcrita no início deste ensaio mas que vale a pena relembra-la.” [...]. Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime”.<sup>33</sup> Tais assertivas merecem, hoje, algumas desconfianças, afinal tal crítica (Candido, Santiago) não se tornou lição por acaso, nem o tempo se passou em vão: será que a perspectiva comparativista ainda seria a correta para se estudar as literaturas nacionais latino-americanas? Felizmente ou infelizmente não temos mais esta certeza, e pela simples razão do fato de não se saber mais o lugar e papel da disciplina literatura comparada no Brasil, na América latina e no mundo(?). Cabe-nos, inclusive, uma pergunta: será que essa disciplina, de caráter aparentemente tão indisciplinar mas totalmente disciplinar (etnocêntrica), ainda existe (no Brasil)? Hoje, depois de quase trinta anos do ensaio de Santiago, podemos dizer que a nossa literatura, mesmo quando comparada às grandes, não é mais nem *pobre nem fraca*, mas já não podemos dizer que ela continuaria a nos exprimir como afirmara Candido e como ainda reforçava Santiago. Reforçando a

---

<sup>30</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 20.

<sup>31</sup> Tania Franco Carvalhal, em seu pequeno mas fundamental livro *Literatura comparada*, mais especificamente no Capítulo 5: “Literatura comparada e dependência cultural”, mostra a importância que os dois ensaios de Santiago tiveram para a discussão em torno dos estudos comparados no país.

<sup>32</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 20. (grifo do autor)

<sup>33</sup> *Apud* SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 20.

perspectiva comparativista de Candido, Santiago observava que “colocar o pensamento brasileiro comparativamente, isto é, dentro das contingências econômico-sociais e político-culturais que o constituíram, é evitar qualquer traço do dispensável ufanismo”.<sup>34</sup> Podemos dizer que hoje uma certa dose de ufanismo não faz mal a nenhuma nação, nem muito menos a nenhuma cultura; e que o pensamento brasileiro e latino-americano devem ser interpretados atravessados por todas as contingências levantadas por Santiago, mas sua interpretação não pode mais estar presa tão-somente a uma perspectiva comparativista. Não por acaso o próprio crítico cobrava cuidado com o método empregado, com a abordagem dos objetos: “com a estratégia de leitura dos textos afins”.<sup>35</sup> Cabe-nos aqui mais uma indagação: se a literatura comparada não passa de um método, como já demos a entender atrás, e se a questão do método, por sua vez, é inerente às leituras críticas brasileiras, resta-nos perguntar, então, qual seria hoje o método da disciplina de literatura comparada? Teria ela ainda um método auto-suficiente como outrora, pelo menos no Brasil? Ou seu método, se ainda existe, encontra-se disseminado nos métodos das demais disciplinas, como a dos estudos culturais? Ou os estudos culturais não seriam uma disciplina, nem muito menos teriam um método? Parece-nos que nos dias atuais uma disciplina constituir-se com um método próprio (disciplinar) significa carimbar seu passaporte para o seu ultrapassamento? Parece-nos também que uma das formas de a disciplina de literatura comparada não se extinguir de vez seria a de ela falar de um lugar anti-disciplinar por excelência, isto é, um lugar do qual ela propõe rever seu próprio método em direção a um *sem disciplina/sem comparação*. Como se não bastasse, a disciplina traz em seu nome um certo dualismo (comparação). Se há quase trinta anos, Santiago reiterava que o objeto deveria ser duplo para não se incorrer em leituras binárias, neste século podemos reivindicar um objeto triplo, porque, assim, teríamos no mínimo três culturas, três nações, três línguas, três produções etc e incorreríamos em menos chance de pôr em prática uma leitura comparativista menos disciplinar talvez.

---

<sup>34</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 20. Lembramos ao leitor que na Entrevista que fecha o livro *Vale quanto pesa*, S. Santiago discute questões importantes desenvolvidas no ensaio que abre o livro (“Apesar de dependente, universal”).

<sup>35</sup> SANTIAGO. *Vale quanto pesa*, p. 20.

Lendo pelo avesso o título do ensaio de Santiago, “Apesar de dependente, universal”, poderíamos, depois desses quase trinta anos de lição, pensar na réplica: “Apesar de universal, particular”: hoje o universal é só para lembrar a todos que todo e qualquer universal não passa da soma nunca aleatória do *particular*.

Oposta às perspectivas desenvolvidas com propriedade por Silviano Santiago nos ensaios aqui discutidos, mas nem por isso menos importante para a crítica brasileira (comparada), é a idéia que Roberto Schwarz desenvolve no ensaio “As ideais fora do lugar”, de mais de trinta anos. Na verdade, não temos sequer receio em afirmar que esse ensaio, dentro do rol de ensaios que abordaram a questão da dependência cultural brasileira, foi o primeiro a enfrentar o problema com toda a seriedade crítica que o assunto demandava, mesmo que para isso tenha corrido sob o fio de um dualismo perigoso, dialético por excelência, e de uma leitura muito marcada historicamente. O certo é que todos os estudos comparados feitos no Brasil depois de 70 passaram por esse ensaio de Schwarz, mesmo quando fosse para com ele discordar. O crítico pode não ter tido ali uma preocupação comparativista, mas sua abordagem era de natureza comparativista e, se não bastasse, a temática da dependência cultural brasileira estava na pauta das discussões críticas brasileiras.

Para ficarmos no campo semântico da comparação, detemo-nos em algumas passagens do ensaio de Schwarz, principalmente naquelas que melhor nos levariam a pensar numa dependência de idéias importadas, posto que partilhamos da idéia de que as idéias, para bem ou para mal, sempre foram mesmo importadas por aqui, servindo, por conseguinte, de base para todo e qualquer julgamento crítico que aqui se fazia. O problema é que quase sempre foram usadas acriticamente, inclusive, e mais principalmente pela *própria* crítica. Schwarz fala em três classes de população no Brasil: “o latifundiário, o escravo e o ‘homem livre’, na verdade dependente”.<sup>36</sup> Dessas classes, obviamente interessa ao crítico a dependente, já que os “homens livres” não são “nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande”.<sup>37</sup> Comparativamente e contrastivamente,

---

<sup>36</sup> SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 16.

<sup>37</sup> SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 16.

Schwarz mostra que enquanto a modernização europeia está centrada na autonomia do indivíduo, aqui no Brasil a política do favor, atrasada, defende a dependência pessoal e a remuneração de serviços pessoais. Enfim, na passagem o crítico mostra que o “homem livre” está amarrado a uma estrutura social arcaica que não propunha um Estado moderno. Como se vê, as contradições sociais, políticas e culturais eram grandes no país. Coube a Roberto Schwarz mostrar que as idéias importadas quase sempre encontravam-se fora do lugar por aqui. Devemos dizer que, independente do momento histórico no qual o crítico escreveu seu ensaio, não vemos nenhum problema, como assim o viu parte da crítica brasileira, por o seu ensaio “as idéias fora do lugar” estar baseado na ideologia sociológica marxista. Aliás, como é facilmente perceptível hoje, naquele momento histórico as tendências críticas estavam sempre mais propensas a pender ora para o lado histórico e sociológico, ora para o lado histórico e antropológico, e vice-versa. Se o fundo era histórico, os demais vieses críticos, indistintamente, sempre deveriam ter sido bem-vindos. Pelo que se vê ainda hoje na crítica brasileira, isso não aconteceu, e quem pagou o pato foi a própria crítica brasileira. (A celeuma crítica existente entre os dois críticos aqui em destaque ilustra o que estamos propondo. O problema é que a crítica subsequente a deles acabou tomando partido; o que não deixa de mostrar um certo ranço de atraso crítico que teima em resistir dentro da crítica brasileira.) Na seqüência de seu ensaio, Schwarz mostra que o *favor é a nossa mediação quase universal*, de que ele pratica a dependência da pessoa, e conclui: “adotadas as idéias e razões europeias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente ‘objetiva’, para o momento de arbítrio que é da natureza do favor”.<sup>38</sup> Virando do avesso a história da dependência que sempre reinou por esses trópicos, quase sempre equivocadamente, e tendo sempre por trás um certo desejo de autenticidade, Schwarz mostra que “nas revistas, nos costumes, nas casas, nos símbolos nacionais, nos pronunciamentos de revolução, na teoria e onde mais for, [...] sempre o desacordo entre a representação e o que, pensando bem, sabemos ser o seu contexto”.<sup>39</sup> Por conta desse desajuste de idéias importadas e sua recepção num país completamente diferente da Europa socialmente, Schwarz mostrou, por todo seu ensaio, o mal-estar, o descompasso, o torcicolo cultural no qual o nosso

---

<sup>38</sup> SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 18.

<sup>39</sup> SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 25.



país periférico se encontrava aqui naquele momento. Passadas mais de três décadas da publicação do ensaio de Schwarz, vemos hoje que ele tinha razão em demonstrar tal preocupação, porque aquela prática de enaltecer o que era de fora, pela simples alegação de que era melhor valorativamente falando, perdurou por muito tempo tanto na crítica brasileira, quanto nas instituições todas e, como se não bastasse, no cerne da cultura brasileira. Sobre isso, afirmava o crítico: “ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio”.<sup>40</sup> Enfim, Schwarz mostrou “que no Brasil daquela época as idéias estavam fora do centro, em relação ao seu uso europeu”.<sup>41</sup> O propósito do crítico era mostrar que as ideias estavam fora do lugar, porque, como o emissor se identificava com a cultura do outro, não havia uma adequação entre tais ideias copiadas, nem muito menos uma adequação socioeconômica. Como já dissemos, o crítico mostra um descompasso social, cultural existente no século dezenove. O problema é quando constatamos que aquele problema atravessou todo o século vinte, pelo menos por aqui nesse arrabalde latino-americano. Resta-nos saber se neste século XXI ainda faz sentido falar em dependência cultural, ou econômica, pela ótica de uma disciplina que esta condenada ao desaparecimento como a literatura comparada. Aliás, será que tal questão ainda interessaria a alguma disciplina ou método crítico?

Podemos dizer que desde “As idéias fora do lugar”, aliás ensaio que serve de introdução ao livro como um todo, Roberto Schwarz dissecou com desafio uma questão que poderia ser problemática à época e que não por acaso encontra-se subintitulando seu livro, “Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro”, e a descreve com precisão mostrando *os torcicolos que o país ditava ao gênero importado e ao literato inteligente*. O que o crítico não percebeu à época, do nosso ponto de vista de hoje é bom que se diga, foi que novas ideias críticas e filosóficas do século XX começavam a aportar por aqui e sem estarem mais fora do lugar, e ele, por estar acostumado a tão-somente uma *forma* de ver o homem, a sociedade, o mundo e suas relações, não soube tirar proveito daquelas tendências filosóficas e críticas que, com certeza, só teriam enriquecido sua visão de literato inteligente que sempre fora.

---

<sup>40</sup> SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 29.

<sup>41</sup> SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 30.

No ensaio “Nacional por subtração” Roberto Schwarz retoma questões que já estavam presentes em “As idéias fora do lugar”. Começa afirmando que

brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter *postiço, inautêntico, imitado* da vida cultural que levamos. Essa afirmação tem sido um dado formador de nossa reflexão crítica desde os tempos da independência. Ela pode ser e foi interpretada de muitas maneiras, por românticos, naturalistas, modernistas, esquerda, direita, cosmopolitas, nacionalistas etc, o que faz supor que corresponda a um problema durável e de fundo.<sup>42</sup>

Na perspectiva comparativista, essa afirmação do crítico nos lembra a questão do método, que sempre atravessou, como vimos, a crítica brasileira, pelo menos desde Antonio Candido. Queremos pensar que os adjetivos pejorativos *postiço, inautêntico e imitado* caem feito uma luva quando temos em discussão a prática da crítica brasileira. Parece ser fato incontestado mesmo que a crítica aqui foi ao sabor do vento do que era pensado na Europa, como se essa fosse a única condição de se fazer crítica por essas bandas latinas. O problema que vemos, por mais contraditório que possa parecer, é que Schwarz critica tal método copista e ao mesmo tempo, ressalvadas as diferenças, se pega preso pelo mesmo método sistemático. Tentemos explicar com mais uma passagem do ensaio:

nos vinte anos em que tenho dado aula de literatura assisti ao trânsito da crítica por impressionismo, historiografia positivista, *nem criticism* americano, estilística, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, pós-estruturalismo e agora teorias da recepção. A lista é impressionante e atesta o esforço de atualização e desprovincianização em nossa universidade. Mas é fácil observar que só raramente a passagem de uma escola a outra corresponde, como seria de esperar, ao esgotamento de um projeto; no geral ela se deve ao prestígio americano ou europeu da doutrina seguinte. Resulta a impressão — decepcionante — da mudança sem necessidade interna, e por isso mesmo sem proveito. O gosto pela novidade terminológica e doutrinária prevalece sobre o trabalho de conhecimento, e constitui outro exemplo, agora no plano acadêmico, do caráter imitativo de nossa vida cultural.<sup>43</sup>

Ou seja, o crítico se vale de sua própria vivência e experiência profissional para constatar que tal prática imitativa sempre ocorrera dentro do país. Como crítico brasileiro, fica-nos a pergunta de como ele conseguira driblar tal prática, que se tornara natural na cultura brasileira, dentro da universidade? E mais: se isso

---

<sup>42</sup> SCHWARZ. *Que horas são ?*, p. 29.

<sup>43</sup> SCHWARZ. *Que horas são?*, p. 30.

sempre ocorrera aqui, como o crítico conseguiu se valer de um aparato teórico-crítico que passasse ileso dessa prática tão manifesta na cultura? E mais: até onde que seu recorte crítico não estava, naquele contexto dos anos 80, contaminado por aquela confluência de teorias que migravam de forma avassaladora entre os mundos, principalmente em direção aos periféricos? Será que não seria mais interessante, mesmo que mais difícil, pensar a experiência do *posticho*, do *inautêntico*, do *imitado*, já considerando as teorias da década de 80 que se dedicam a questões dessas naturezas? Pensando especificamente na crítica brasileira, não temos como não concordar com Schwarz, posto que tal crítica encontra-se acostumada ao vício imitativo se a compararmos com críticas de fora. A diferença, hoje, talvez se dê porque, se antes, até a década de 80, a referência ainda era a crítica européia e a norte-americana, cada vez mais nossa crítica voltou-se para a latino-americana, ou pensada em espanhol, ou pensada por latinos em inglês (dos Estados Unidos). Na verdade, nossa crítica, por não dar conta de se resolver internamente, talvez por sofrer de um ranço subalternista, estaria condenada a buscar anuência de uma crítica pensada em língua hegemônica, como se este fator fosse ainda decisivo para um julgamento crítico nos dias atuais.

Seguindo seu raciocínio que se dá em torno do “mal-estar intelectual” que é o assunto discutido em “Nacional por subtração”, Schwarz critica “a filosofia francesa recente” (Foucault e Derrida) por defender, segundo ele, “que o anterior prima sobre o posterior, o modelo sobre a imitação, o central sobre o periférico”.<sup>44</sup> Nessa linha filosófica, “de atrasados passaríamos a adiantados, de desvio a paradigma, de inferiores a superiores [...] isto porque os países que vivem na humilhação da cópia explícita e inevitável estão mais preparados que a metrópole para abrir mão das ilusões da origem primeira”.<sup>45</sup> Na verdade, toda essa discussão, entre o que defende Schwarz e o que defendem outros críticos brasileiros na esteira da reflexão filosófica francesa, dá-se, sem sobra de dúvida, porque a crítica brasileira constrói-se enquanto tal assentada num dualismo exagerado do qual nenhum dos críticos dessa época (até década de noventa) consegue romper totalmente para ler as produções culturais, nem muito menos a cultura brasileira. Se para eles, essa era sua condição, inclusive imposta pelo contexto, para a crítica de depois de noventa a condição exigida esta bem posta: qualquer olhar crítico

---

<sup>44</sup> SCHWARZ. *Que horas são?*, p. 35.

<sup>45</sup> SCHWARZ. *Que horas são?*, p. 36.

que ainda fique preso a essa visada dualista, ou sequer preocupado com questões atinentes à dependência cultural brasileira, está tão-somente repetindo aquela lição magistralmente arquitetada por seus precursores críticos. Exemplo desse dualismo, aliás presente em todos os ensaios até aqui discutidos, inclusive desde os títulos, encontra-se nesta passagem de “Nacional por subtração”: “[...] em lugar da almejada europeização ou americanização da América Latina, assistiríamos à latino-americanização das culturas centrais”.<sup>46</sup> Não estamos dizendo com isso que o crítico concorda com o que escreve, mas também não deixa de sinalizar que se trata ou de uma condição ou de outra, como se só uma dessas formas fosse a melhor para se compreender a dependência cultural aqui instalada. Nessa parte de seu ensaio, Schwarz menciona o ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de Silviano Santiago, por nós antes discutido, e um outro de Haroldo de Campos, ambos os ensaios embasados pela filosofia francesa e severamente criticados pelo autor de “Nacional por subtração”. Se Schwarz critica a vertente da crítica brasileira de perspectiva filosófica francesa, por esta criticar a perspectiva marxista, e se aquela critica a vertente da qual Schwarz faz parte por ser de extração marxista, então só nos resta dizer que ambas as vertentes precisam ser revistas neste século que se inicia (sob pena de algum crítico contemporâneo menos desavisado ainda pensar que *ser ou não-ser* marxista poderia render alguma crítica.).

Se, por um lado, a crítica contemporânea resolveu de vez todo e qualquer dualismo que ainda poderia existir dentro da crítica brasileira, por outro, podemos dizer que subsiste em seu interior um ranço que não deixa de lembrar um certo atraso crítico. Trata-se, como já sinalizamos antes, de um certo partidarismo explícito da crítica estabelecido entre as duas vertentes críticas que se sobressaíram no Brasil, cujos representantes maiores são, de um lado, Silviano Santiago e, de outro, Roberto Schwarz. Fecharemos este ensaio abrindo-o para essa discussão que acabou se impondo no cerne da crítica contemporânea, causando, pelo menos em parte, uma certa “dualidade” no ensino da crítica na universidade.

Eneida Leal Cunha, em seu ensaio “Leituras de dependência cultural”, sintetiza muito bem as posições que diferenciam o pensamento crítico de Silviano

---

<sup>46</sup> SCHWARZ. *Que horas são?*, p. 36.

Santiago do de Roberto Schwarz, situando-as dentro de suas respectivas linhagens e preferências analíticas:

o confronto entre os ensaios “Apesar de Dependente, Universal” e “Nacional por Subtração”, além de pôr em cena sistemas interpretativos divergentes ou vertentes do pensamento ocidental, expõe o esboço de duas linhagens de intelectuais brasileiros e dois modos de ler e avaliar as formações de identidade e a experiência da dependência cultural. Ponto nuclear de uma dessas famílias de avaliadores da literatura e da cultura no Brasil, a qual pertence Roberto Schwarz, pode ser identificado na ascendência ilustrada da “Formação” de Antonio Candido e no interesse comum quase excludente pela produção literária datada a partir de 1850, ou, dito mais largamente, pela produção moderna e pós-colonial. As leituras de Silviano Santiago vêm-se empreendendo da história cultural, desde a década de 70. Em contrapartida, operam inversões, reversões e deslocamentos de ênfases, pondo o foco, reincidentemente, em produções coloniais como a carta de Pero Vaz de Caminha, articulando-as à produção modernista e contemporânea.<sup>47</sup>

Mesmo tomando partido do que defende Silviano Santiago, Eneida Cunha mostra com precisão as diferenças que ancoram as duas leituras críticas, para concluir que a incompatibilidade entre as duas interpretações da dependência cultural brasileira está na forma como ambas as vertentes concebem a produção dos valores e dos sentidos: “para Schwarz, e para o pensamento de extração marxista, valores e sentidos fazem parte da superestrutura ideológica, são produtos da determinação histórica, da determinação econômica e infra-estrutural dos interesses de classe”,<sup>48</sup> enquanto “nas reflexões de Santiago e, em grande parte, dos ‘filósofos da descolonização’ com quem dialoga estão assimiladas as matrizes do corte epistemológico que produz a crítica à perspectiva marxista e funcional da interpretação de Schwarz”.<sup>49</sup>

Também Eneida Maria de Souza, no ensaio “O discurso crítico brasileiro”, principalmente na parte “O mal-estar da dependência e a alegria antropofágica,” esquadrinha, por meio dos ensaios de Santiago e Schwarz, os posicionamentos críticos que os diferenciam. Em ordem cronológica, começa pelo ensaio “As ideias fora do lugar” (1977), onde reitera que o crítico “se baseia na ideologia sociológica marxista, voltada para o questionamento das contradições provocadas

---

<sup>47</sup> CUNHA. Leituras de dependência cultural, p. 134.

<sup>48</sup> CUNHA. Leituras de dependência cultural, p. 132.

<sup>49</sup> CUNHA. Leituras de dependência cultural, p. 132.

pela modernização nos países periféricos”,<sup>50</sup> passa para o ensaio de Santiago, “O entre-lugar do discurso latino-americano (1972), no qual o crítico “subverte as antigas antinomias e hierarquias próprias do discurso colonizado e ocidental”,<sup>51</sup> diz que em “Apesar de dependente, universal” Santiago “confirma a sua posição diante da perspectiva marxista de Schwarz”,<sup>52</sup> conclui, por fim, que Schwarz em “Nacional por subtração” (1987) reacende a polêmica entre o seu pensamento teórico e o de Santiago e Haroldo de Campos, ao se posicionar de forma distinta quanto às redefinições dos conceitos de nacionalidade e de dependência cultural”.<sup>53</sup> Mesmo sendo escusado dizer que Souza partilha das idéias defendidas por Silviano, vale a pena transcrever esta passagem: “no caso da concepção do ‘entre-lugar’, não se trata de uma abstração ‘fora do lugar’, mas de uma posição que visa representar a cultura brasileira *entre outras*, retirando novos objetos teóricos das obras ensaísticas e ficcionais”.<sup>54</sup> Por todo seu ensaio, Souza mostra com pertinência crítica todas as diferenças existentes entre os posicionamentos críticos de Santiago e de Schwarz. Aliás, o título da parte na qual Souza discute os textos de ambos, “O mal-estar da dependência e a alegria antropológica”, já sinaliza o lugar de cada posição crítica, reiterando as dualidades das duas vertentes, além de demandar um certo posicionamento da própria crítica brasileira contemporânea. Na seqüência, Souza discute o ensaio “Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil” (1981) de Luiz Costa Lima. O argumento exposto por Costa Lima volta-se para questões ligadas à dependência cultural brasileira, quando, segundo Souza, “considera ser a desorganização e a ausência de método no pensamento de um povo o grande fator para se consolidar a condição de dominado diante de outras culturas”:

E do ponto de vista do sistema intelectual, o pior do autoritarismo é que ele acostuma a *intelligentsia* ao pensamento impositivo, que não precisa demonstrar, pois lhe basta apontar, mostrar com o dedo, ‘a verdade’. No caso das nações econômicas e culturalmente periféricas, como a nossa, esta consequência ainda se torna mais intensa,

---

<sup>50</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 52.

<sup>51</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 52.

<sup>52</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 53.

<sup>53</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 54.

<sup>54</sup> SOUZA. *Crítica cult*, p. 52-53.

porque o seu horror à teorização própria as deixa duradouramente sujeitas à teorização alheia”.<sup>55</sup>

Meio pelo avesso do que diz Costa Lima, mas pensando nas argumentações teórica e crítica próprias, isto é, feitas dentro do Brasil na contemporaneidade, percebemos que às vezes os partidarismos (somados às intrigas domésticas), que não deixam de apresentar laivos de um certo ranço de autoritarismo escolástico, pré-direcionam os julgamentos críticos possíveis de serem feitos da própria crítica brasileira. Querelas entre intelectuais, posicionamentos ideológicos contrários, ser ou não ser marxista por exemplo, formas diferentes de interpretar uma cultura e suas respectivas manifestações culturais, são bem-vindos e podem contribuir definitivamente com a própria crítica, desde que essa crítica saiba articular-se de forma que não sonegue qualquer informação ou abalçamento crítico que são respaldados pela própria história pregressa da crítica. Ilustra o que estamos dizendo, de nosso ponto de vista, o que acontece no livro *Dez lições sobre estudos culturais*, de autoria de Maria Eliza Cevasco. Nele, a autora detém-se, na última lição, nos “estudos culturais no Brasil”. Reconhece que a data oficial de tais estudos no Brasil se deu em 1998, “ano em que a Associação Brasileira de Literatura Comparada, Abralic, que reúne professores e pesquisadores da área, escolheu para seu congresso bianual o tema ‘Literatura Comparada = Estudos Culturais?’”<sup>56</sup> Cita o presidente da associação daquele biênio, o crítico cultural Raúl Antelo, passa em revista todos, digamos, *formadores* da cultura brasileira para deter-se no também crítico cultural Roberto Schwarz, discípulo uspiano. Como discípula desse crítico, privilegia sua vertente, calcada na “produtividade de um modo de ler dialético”, e passa a exemplificar tal modelo dessa tradição de crítica cultural brasileira com uma leitura comparativista cultural entre as obras *Dom casmurro* (1899), de Machado de Assis, e *Minha vida de menina* (1942), de Helena Morley, que no recorte feito por Cevasco soa meio forçada. Mas a questão que se impõe na leitura de Cevasco sobre a lição “Estudos culturais no Brasil” é de outra ordem: a que lugar Cevasco delegou ao crítico Silviano Santiago no rol dos críticos brasileiros que, pelo menos desde a década de 70, vem se dedicando aos estudos de crítica cultural, como já sinalizava o subtítulo de *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural?* Em se tratando de crítica,

---

<sup>55</sup> Apud SOUZA. *Crítica cult*, p. 55.

<sup>56</sup> CEVASCO. *Dez lições sobre estudos culturais*, p. 173.

recortes são feitos, predileções intelectuais são relevadas, relações interpessoais alteram qualquer julgamento, relações entre academias, mestres e discípulos têm sua história, mas apesar de tudo isso as lições críticas não podem sofrer lesões de natureza particular e pessoal, porque quem sempre sai em desvantagem são os “estudantes de ciências humanas e demais interessados no debate cultural contemporâneo”,<sup>57</sup> para ficar apenas com aqueles cujas *Dez lições* são dedicadas.

Por fim, Tania Franco Carvalhal, no ensaio “Vinte e cinco anos de crítica literária no Brasil – notas para um balanço”, discute o contexto brasileiro no qual os ensaios por nós aqui privilegiados fazem parte. Começa seu ensaio dizendo que “voltar vinte e cinco anos atrás significa lançar um olhar retrospectivo sobre os anos oitenta, certamente uma das décadas mais representativas da crítica literária no Brasil. Esse momento não só catalisaria tendências recorrentes anteriores, próprias a nossos estudos literários, como também seria portador do que estava por vir”.<sup>58</sup> Na seqüência, a comparatista rastreia o que havia sido feito na crítica precedente aos anos 80 para, num momento seguinte, constatar que “os anos noventa caracterizaram-se, certamente, por uma crítica atenta a essas orientações, do pensamento de Michel Foucault a Gilles Deleuze, de Jean-François Lyotard a Jacques Derrida”.<sup>59</sup> Apesar de entendermos que Carvalhal tem razão em afirmar que “os teóricos franceses obtiveram, no Brasil, um sucesso tão grande quanto nos Estados Unidos”, queremos lembrar que tais teóricos foram também rechaçados por parte da crítica brasileira, obviamente valendo-se de outros teóricos, a exemplo da vertente crítica defendida por Schwarz, como já mostramos. Entre as duas décadas, Carvalhal lembra-nos da criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) no âmbito de um Seminário *Latino-americano* (1986), tornando-se “um meio de comunicação privilegiado entre os pesquisadores brasileiros e aqueles dos diversos países da América Latina, contribuindo para a fundação de associações coirmãs em diferentes lugares”.<sup>60</sup> Tania Carvalhal constata que, entre as manifestações universitárias dos 80 para os 90, ocorre uma retomada dos estudos culturais, entre outras direções, que orienta a

---

<sup>57</sup> CEVASCO. *Dez lições sobre estudos culturais*, p. 7.

<sup>58</sup> *Apud* SANTOS. *Literatura e práticas culturais*, p. 41.

<sup>59</sup> *Apud* SANTOS. *Literatura e práticas culturais*, p. 47.

<sup>60</sup> *Apud* SANTOS. *Literatura e práticas culturais*, p. 46.



reflexão crítica naquele momento. Apesar disso, Carvalhal é meio reticente com relação aos estudos culturais:

o debate sobre os *Cultural Studies* fez emergir o risco de ver desaparecer a abordagem literária, além de evidenciar o perigo de que especialistas em literatura voltem-se para outros campos sem a dupla competência indispensável aos estudos interdisciplinares. Mais do que defender a especificidade da literatura ou tentar evitar a redução de nosso campo de trabalho, ameaças que pesam mais em outros lugares do que no Brasil mesmo, é preciso salientar que se atribui aos ‘estudos culturais’ uma liberdade de ação que, na realidade, não existe. Em contrapartida, procurando, por vezes, afastar a literatura, interrogar seu lugar dentre as práticas simbólicas e culturais e minimizar sua função estética, os Estudos Culturais distanciam-se do comparatismo, que sempre pressupõe que a literatura permaneça como um dos termos da comparação.<sup>61</sup>

Por tudo o que discutimos até aqui, principalmente quando se tem em pauta aquela antiga afirmação de Candido, não por acaso repetida num congresso da Abralic, de que *estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada*, podemos, neste século que se inicia, afirmar que os estudos culturais, bem como demais estudos, não fizeram emergir o risco de desaparecer a abordagem literária, como apregoaram alguns críticos que pensaram que o lugar disciplinar, como o da literatura comparada por exemplo, era imutável, apesar de defenderem uma perspectiva comparativista interdisciplinar. O perigo do qual fala Carvalhal torna-se ultrapassado já naquele contexto, posto que os especialistas em literatura foram orientados no sentido de trabalhar a própria literatura numa perspectiva histórica, cultural, inter, trans e multidisciplinar. Aliás, não por acaso, essa foi a grande direção para a qual se mirou a literatura comparada no decorrer de todo o século XX. O que Carvalhal faz, apesar de não assumir, é sair em defesa da especificidade da literatura, com medo de que esta perca terreno para os estudos culturais, como assim agiram vários outros críticos disciplinaristas. Quando Carvalhal afirma que foi atribuída aos estudos culturais uma liberdade de ação que não existe, vemos que quem perde com tal prerrogativa são os estudos comparados que se fecham em sua perspectiva disciplinar com receio das novas liberdades de ação críticas culturais que se impõem com a chegada do novo século. Resta-nos perguntar onde, ou em que momento, os estudos culturais procuraram afastar a literatura, interrogar seu lugar e minimizar sua função estética, como adverte Carvalhal, se eles nascem dos próprios estudos literários?

---

<sup>61</sup> Apud SANTOS. *Literatura e práticas culturais*, p. 47.

Se, na perspectiva comparativista disciplinar, sempre pressupõe-se que a “literatura permaneça como um dos termos da comparação”, então passou da hora do comparatista compreender que o outro termo pode ser o dos estudos culturais, já que estes nunca se preocuparam mesmo com o comparatismo, mas, sim, com a liberdade de ação cultural.

A literatura comparada de ontem nos ajudou a entender os estudos culturais de hoje; e os estudos culturais de hoje nos ajudam a compreender a literatura comparada de ontem. Se estudar literatura brasileira era estudar literatura comparada, então podemos dizer que estudar estudos culturais hoje equivale ainda a estudar literatura brasileira numa perspectiva comparativista, já que ambas as disciplinas estão atravessadas por graus de dependência histórico-culturais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: estudos culturais. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, v. 1, n. 1, p.1-135, jan./jun. 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1999. (Coleção Série Princípios).

CARVALHAL, Tania Franco. Vinte e cinco anos de crítica literária no Brasil: notas para um balanço. Trad. de Adriana Santos Corrêa. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (org.) *Literatura e práticas culturais*. Dourados, MS: UFGD Editora, 2009. p. 41-48

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CUNHA, Eneida Leal. Leituras de dependência cultural In: SOUZA, Eneida Maria de, MIRANDA, Wander Melo (org.) *Navegar é preciso, viver*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997. p. 126-139

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.91-99: literatura comparada, intertexto e antropofagia

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 47-66: O discurso crítico brasileiro

WELLEK, René, WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Trad. de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção leitura e crítica)